

# O BULLYING SOB O OLHAR DOS PROFESSORES

**Eugênia Maria da Silva Morais**  
– *Graduada em Pedagogia pela UFMT*

## **Resumo**

Este artigo é um recorte do trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, cuja a temática de pesquisa foi o Bullying. As questões de pesquisa trataram de analisar se os professores reconhecem e identificam o bullying no âmbito escolar e quais as estratégias adotam para lidar com essa realidade. A metodologia de pesquisa foi composta por: aplicação de questionário contendo um quadro com as formas de bullying e, roteiro de entrevistas. A realização da pesquisa mostrou que um grupo heterogêneo de 26 professores reconhecem o bullying em suas diversas formas, indicando a predominância do bullying psicológico e moral (39%). Já os relatos das entrevistas demonstraram que, raramente os professores recebem orientações para lidar com o bullying.

**Palavras-chave:** Bullying, formas de bullying, professores

## **O Bullying**

Muito se tem falado de Bullying nas últimas décadas. Tema em crescente ascensão na mídia e no âmbito escolar, “[...] o comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo” (FANTE apud CÉZAR, 2009, p.62).

Silva (2010) afirma que:

A palavra bullying ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores (p. 21).

Segundo Hornblas (2009) “a expressão bullying foi construída a partir do substantivo *bull* –touro em inglês – e por derivação *bully* (ou *bullie*) [...]”(p. 17). “O

termo *bully* como substantivo, é traduzido por *valentão, briguento, tirano, etc.*, e como verbo, *brutalizar, tiranizar, amedrontar etc.*”(FANTE apud HORNBLAS, 2009, p. 17).

No campo verbal bullying ainda pode ser traduzido como:

“intimidar, agredir, apelidar, ofender, fazer gozações, encarnar, humilhar, causar sofrimento, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, dominar, bater, dar chutes, dar empurrões, causar ferimentos, roubar e ainda quebrar os pertences da vítima” (FANTE apud HORNBLAS, 2009, p. 17 e 18).

Chalita (2008) apesar de não ser um teórico especialista no tema, em seu livro intitulado *Pedagogia da amizade: Bullying o sofrimento das vítimas e dos agressores* apresenta outras denominações utilizadas para o termo bullying, “na França chamam de *harcèlement quotidien*, na Itália de *prepotenza* ou mesmo de *bullismo*, no Japão de *ijime*, na Alemanha de *agressionen unter schülern* e em Portugal de *maus-tratos entre pares*”( p. 81).

No Brasil não há um termo análogo ao bullying, sendo deste modo adotado o termo inglês.

A designação do bullying na língua portuguesa carece de um conceito que identifique simultaneamente os atributos de personalidade dos sujeitos que associamos aos incidentes agressivos e às características que os comportamentos desses mesmos sujeitos assumem (PEREIRA apud CÉZAR, 2009, p. 66).

Na falta de um termo especificamente português que expresse o bullying, outras denominações como “agressividade”, “violência moral”, “vitimização” ou “maltrato entre pares” também são relacionadas (CÉZAR, 2009, p. 67).

Embora haja diversos nomes para classificar o bullying, Hornblas (2009) ressalta a congruência entre os estudiosos quanto à sua definição.

[...] por convergência entre autores (Fante, 2005; Olweus, 1983; Catini, 2004 e Guareschi, 2008), *bullying* é definido como um conjunto de atitudes violentas, intencionais e repetitivas que ocorrem *sem motivação* aparente, adotado por um ou mais alunos contra

outro(s) causando dor, angústia e sofrimento físico ou psicológico, insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, fofocas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento de bullying (p. 18).

## **Formas de bullying**

Essa crescente prática de violência entre estudantes pode ocorrer de duas maneiras distintas, a direta ou a indireta.

Segundo Chalita (2008) “o bullying direto é mais comum entre agressores meninos. As atitudes mais frequentes identificadas nessa modalidade violenta são os xingamentos, tapas, empurrões, murros, chutes e apelidos ofensivos repetidos” (p. 82).

Por outro lado,

o bullying indireto é a forma mais comum entre o sexo feminino e crianças menores. Caracteriza-se basicamente por ações que levam a vítima ao isolamento social. As estratégias utilizadas são difamações, boatos cruéis, intrigas e fofocas, rumores degradantes sobre a vítima e familiares, entre outros (CHALITA, 2008, p. 83).

Com base em suas pesquisas Olweus (1983) assegura que as formas “mais comuns são: 52 % apelidos pejorativos e discriminatórios, 21% ameaças (reais e/ou virtuais), 12% furtos de pertences, 9% agressões físicas, 5% exclusões do grupo” (HORNBLAS, 2009, p.19).

De acordo com Silva (2010, p. 23 e 24) o Bullying pode ocorrer de variadas formas elencadas pela autora na seguinte lista:

### **VERBAL**

- Insultar
- Ofender
- Xingar
- Fazer gozações
- Colocar apelidos pejorativos
- Fazer piadas ofensivas
- “Zoar”

### **FÍSICO E MATERIAL**

- Bater
- Chutar
- Espancar
- Empurrar
- Ferir
- Beliscar
- Roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima
- Atirar objetos contra as vítimas.

#### PSICOLÓGICO E MORAL

- Irritar
- Humilhar e ridicularizar
- Excluir
- Isolar
- Ignorar, desprezar ou fazer pouco caso
- Discriminar
- Aterrorizar e ameaçar
- Chantagear e intimidar
- Tiranizar
- Dominar
- Perseguir
- Difamar
- Passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo
- Fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre as meninas)

#### SEXUAL

- Abusar
- Violentar
- Assediar
- Insinuar

Além dessas formas, uma outra vem ganhando força com o avanço tecnológico dos últimos anos, o cyberbullying. Silva (2010) elucida que

A grande diferença se encontra na forma e nos meios que são utilizados pelos praticantes de cyberbullying. No bullying visto até aqui, as formas de maus-tratos eram diversas, no entanto, todas sem exceção ocorriam no mundo real. Dessa forma, quase sempre era possível às vítimas conhecer e, especialmente, reconhecer seus agressores. No caso do cyberbullying, a natureza vil de seus idealizadores e/ou executores ganha uma “blindagem” poderosa pela garantia de anonimato que eles adquirem. Sem qualquer tipo de constrangimento, os bullies cibernéticos (ou virtuais) se valem de apelidos (*nicknames*), nomes de outras pessoas conhecidas ou de personagens famosos de filmes, novelas, seriados (SILVA, 2010, p. 126).

## **A atuação do professor frente ao bullying**

Sabemos que o bullying é um assunto com debates recentes no Brasil, e que crescentes episódios, cada vez mais, são divulgados pela mídia. Vários são os filmes que retratam essa realidade vivenciada em muitas escolas brasileiras e de todo o mundo.

Para Chalita “A palavra *escola* pode se referir a uma *instituição de ensino* ou a uma *corrente de pensamento* com características padronizadas que formam certas áreas do conhecimento” (2008, p.188).

Nas escolas, em especial as públicas que são nosso lócus de pesquisa, o bullying ainda é um assunto que necessita de maiores esclarecimentos. A maioria não está preparada ou não sabe lidar com o bullying. E justamente por isso, é imprescindível que as escolas tomem medidas capazes de prevenir contra a prática da violência, evitando assim, que ela se torne cenário de exclusão, humilhação, dor, angústia e todas as outras consequências do bullying.

Neste sentido, Silva (2010) elenca algumas medidas a serem tomadas:

[...] inicialmente, reconhecer a existência do bullying (em suas diversas formas) e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional e para a estruturação da personalidade de seus estudantes. [...] Como segundo passo, mas não menos importante, as escolas necessitam capacitar seus profissionais para a identificação, o diagnóstico, a intervenção e o encaminhamento adequado de todos os casos ocorridos em suas dependências. Em terceiro lugar, as instituições de ensino tem o dever de conduzir o tema a uma discussão ampla, que mobilize toda a sua comunidade (e seu entorno), para que estratégias preventivas e imediatas sejam traçadas e executadas com o claro propósito de enfrentar a situação (p.162).

Lopes Neto (2005) chama a atenção para a importância da participação de professores, funcionários, pais e alunos na busca de reduzir a prática do bullying.

O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de redução do bullying. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e

ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro (s. 169).

Nas medidas preventivas contra o bullying, o professor tem papel importantíssimo, como ressalta Lopes Neto (2005) quando assegura que “Os professores devem lidar e resolver efetivamente os casos de bullying, enquanto as escolas devem aperfeiçoar suas técnicas de intervenção e buscar a cooperação de outras instituições, como os centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social” (s.170).

A postura adotada pelo professor é tão primordial e determinante que pode ser enfatizada muitas vezes de modo divergente nos casos de bullying.

[...] alguns professores se convertem em agressores devido à sua postura de autoritarismo e intimidação na tentativa de obter poder e controle diante do grupo-classe. Um exemplo clássico é a maneira de chamar a atenção e corrigir o comportamento dos alunos, depreciando-os na frente dos colegas, discriminando-os, mostrando preferências por outros, fazendo comparações, ameaçando-os, perseguindo-os e intimidando-os (FANTE apud HORNBLAS, p. 26 e 27).

Ainda sobre a atuação do professor na prática do bullying, Silva (2010) explica:

O ideal é que eles anotem na ficha individual do estudante suas impressões e percepções sobre aqueles que despertem sua atenção. Para facilitar o trabalho dos professores, a escola pode providenciar uma folha de apontamentos, em que estejam listados diversos indicativos do comportamento bullying, para que o professor assinale os que se aplicam a cada aluno. [...] O ideal é que a folha/relatório contenha os seguintes itens:

- ( ) O aluno está constantemente isolado dos demais em sala de aula.
- ( ) A situação de isolamento é mais gritante durante o recreio.
- ( ) Nos trabalhos em grupo ou jogos coletivos, é sempre o último a ser escolhido.

- ( ) O aluno é alvo de apelidos pejorativos, “zoações, caçoadas, implicâncias constantes em decorrência do seu aspecto físico, psicológico ou cognitivo (relacionado à capacidade intelectual, tanto para mais quanto para menos).
- ( ) O aluno apresenta sinais que indicam tristeza, humor deprimido, ansiedade, irritabilidade ou agressividade verbal ou física.
- ( ) Em curto espaço de tempo (um a três meses), ocorreu uma súbita queda no seu rendimento escolar.
- ( ) Houve desinteresse repentino pelos estudos, tanto nas aulas como em todas as atividades relacionadas à escola.
- ( ) Tem faltado às aulas de forma recorrente sem apresentar justificativas adequadas e/ou convincentes.
- ( ) Apresenta ferimentos, arranhões ou hematomas pelo corpo.
- ( ) Seu material escolar encontra-se frequentemente danificado.
- ( ) O aluno sofre intimidação, perseguição ou maus-tratos por parte de um grupo específico.
- ( ) Expressa em sua face medo, angústia ou algum tipo de resposta que não possa verbalizar ou explicitar (p. 165 e 166).

Após apresentar o questionário acima, Silva (2010) embasada em Olweus, salienta que apesar de alertar professores e pais no diagnóstico do bullying, este não nos permite afirmar com certeza. Para tanto, é necessário prestarmos atenção nos critérios essenciais:

- A vítima tem que ser alvo dos ataques de maneira repetitiva durante um determinado período de tempo. Isso corresponde a no mínimo duas vezes, durante o ano letivo, segundo o pesquisador norueguês Dan Olweus.
- Os ataques não tem qualquer motivação que possam justificá-los.
- Sempre existe um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima, o que impede a defesa desta e a faz mobilizar uma série de sentimentos desagradáveis em torno da situação (p. 165 e 166).

## **PESQUISA DE CAMPO**

Com o intuito de saber se os professores reconhecem o bullying em seus diversos tipos. E como lidam com o bullying de seus alunos, este capítulo tem a pretensão de responder as questões elencadas. Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo com um grupo heterogêneo, formado por 26 professores das diversas modalidades de ensino: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. A princípio delimitamos a pesquisa apenas aos professores das primeiras séries do ensino

fundamental, entretanto durante o desenvolvimento da pesquisa docentes de outros níveis de ensino se mostraram um interessante escopo à conhecermos. Deste modo, ampliamos nosso lócus de pesquisa para poder ter uma visão melhor e mais geral da presença do bullying nas salas de aula. A investigação é composta por duas partes: questionário, e entrevistas com professores.

Para a realização da primeira etapa, do questionário, foi elaborado um quadro com base na classificação de Silva (2010), contendo as várias formas de bullying, bem como as ações e atitudes concernentes a cada forma. Apesar de nos referenciarmos em Silva (2010), optamos por não abordar a forma virtual citada por ela, o cyberbullying. Tal decisão baseia-se no pressuposto de que os professores não tem conhecimento e nem controle de seus alunos fora dos âmbitos da escola.

A segunda parte da pesquisa consiste na realização de entrevista semiestrutura com professoras que em seus questionários demonstraram maior contato com o bullying.

### **As formas de bullying no cotidiano escolar**

O instrumento de pesquisa utilizado na primeira etapa foi o questionário. Como já dito anteriormente embasado em Silva (2010), foi elaborado o quadro abaixo, contendo as quatro formas de bullying: verbal, físico e material, sexual, psicológico e moral.



Verbal	Insultar ( )	Ofender ( )	Xingar ( )	Fazer gozações ( )	Colocar apelidos negativos ( )	Fazer piadas ofensivas ( )	“Zoar” ( )					
Físico e material	Bater ( )	Chutar ( )	Espancar ( )	Empurrar ( )	Ferir ( )	Beliscar ( )	Roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima. ( )					
Sexual	Abusar ( )		Violentar ( )		Assediar ( )		Insinuar ( )					
Psicológico e moral	Iritar ( )	Humilhar e ridicularizar ( )	Excluir ( )	Isolar ( )	Ignorar, desprezar ou fazer pouco caso. ( )	Discriminar ( )	Aterrorizar e ameaçar ( )	Tirar ( )	Dominar ( )	Perseguir ( )	Difamar ( )	Fazer fofoca ou mexericos. ( )

A partir dos dados do questionário, o gráfico abaixo demonstra que os professores entrevistados reconhecem as várias formas de bullying, como também que as formas mais recorrentes no cotidiano deles são a psicológico e moral, e a verbal.

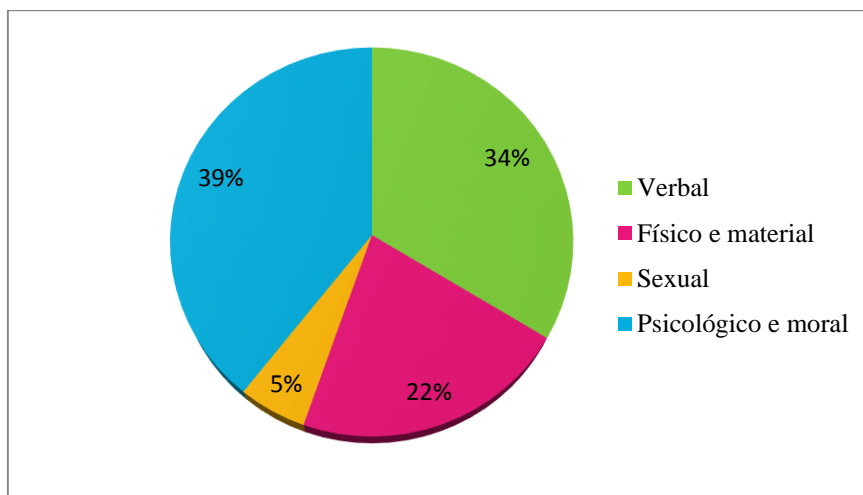


Gráfico 1- Formas de bullying

No que se refere à forma *verbal*, dos 26 professores que responderam ao questionário, 19 afirmaram já ter presenciado a atitude de “zoar” entre seus alunos. Outro destaque foi o ato de *fazer gozações*, 18 marcaram tal opção, como mostra o seguinte gráfico.

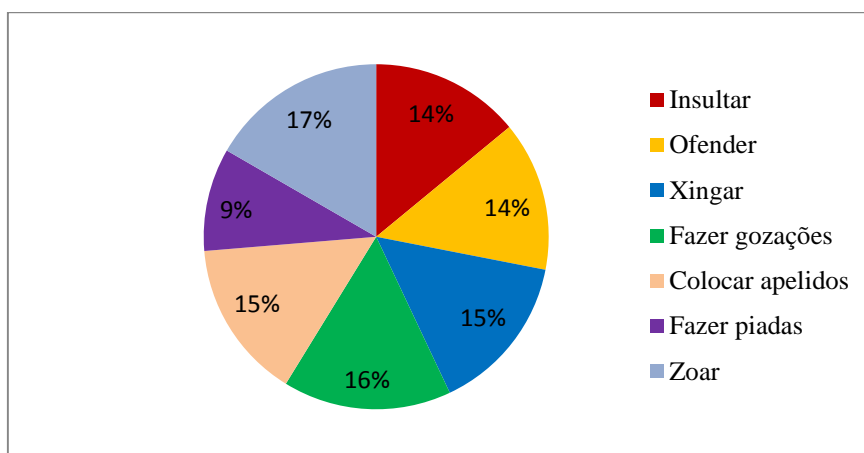


Gráfico 2 – Forma verbal de bullying

Com relação à forma *físico e material*, as duas atitudes mais incidentes segundo os participantes da pesquisa são *empurrar* (22%) e *chutar* (19%). Em contraponto, a ação de *espancar* é a menos frequente, apenas (4%) dos docentes a presenciaram.

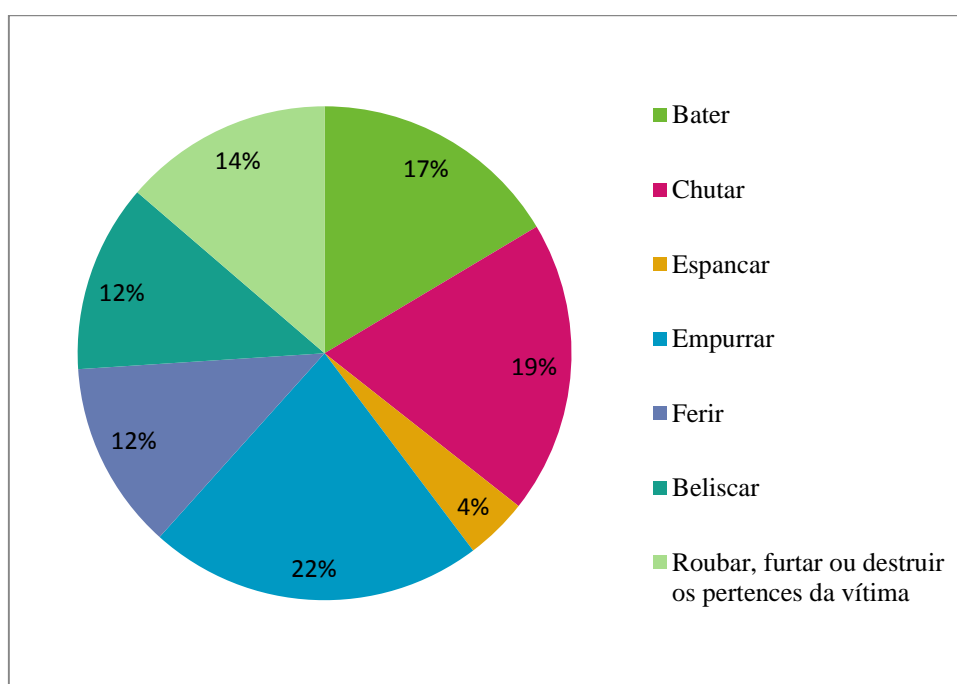


Gráfico 3 – Forma físico e material de bullying

Já em relação a forma sexual, os dados do questionário revelaram que está não é muito percebida pelos educadores. Apesar da pouca visibilidade desta forma, o ato de *insinuar* foi lembrado por 11 dos professores. Por outro lado, *abusar* e *violentar* foram

os menos citados, constituindo respectivamente 5% e 6%, como exposto no gráfico abaixo.

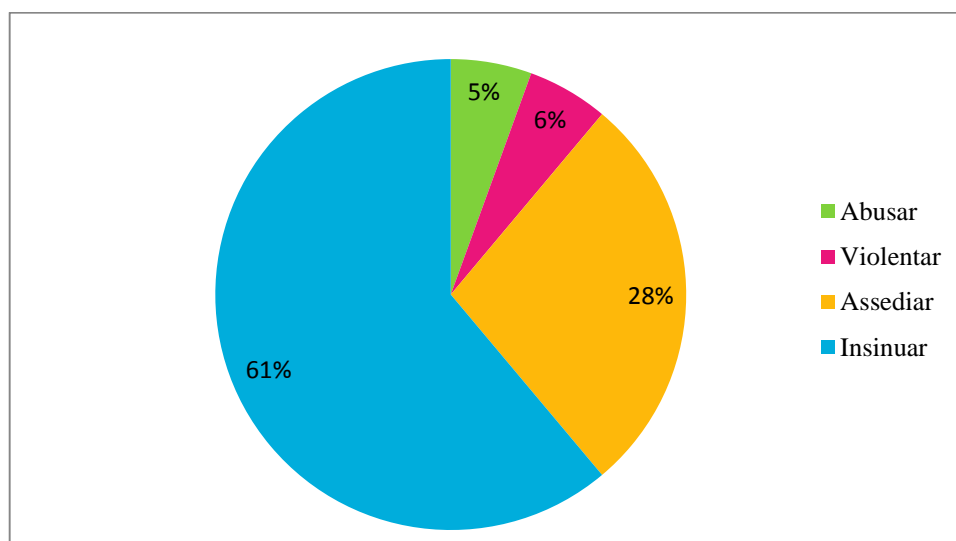


Gráfico 4 – Forma Sexual de bullying

Quanto à forma *psicológico e moral* o questionário revelou que os professores participantes da pesquisa identificaram vários atos que a categorizam. Nesta classificação, *irritar (12%)*, *ignorar, desprezar ou fazer pouco caso (12%)* e *fazer fofoca ou mexericos (16%)*, são os modos de bullying mais presentes nas salas de aula. O questionário também revelou que *tiranyizar (3%)*, *difamar (4%)*, *aterrorizar e ameaçar (5%)* tiveram menor ocorrência, para dar melhor panorama das formas presenciadas segue abaixo o gráfico com os dados coletados.

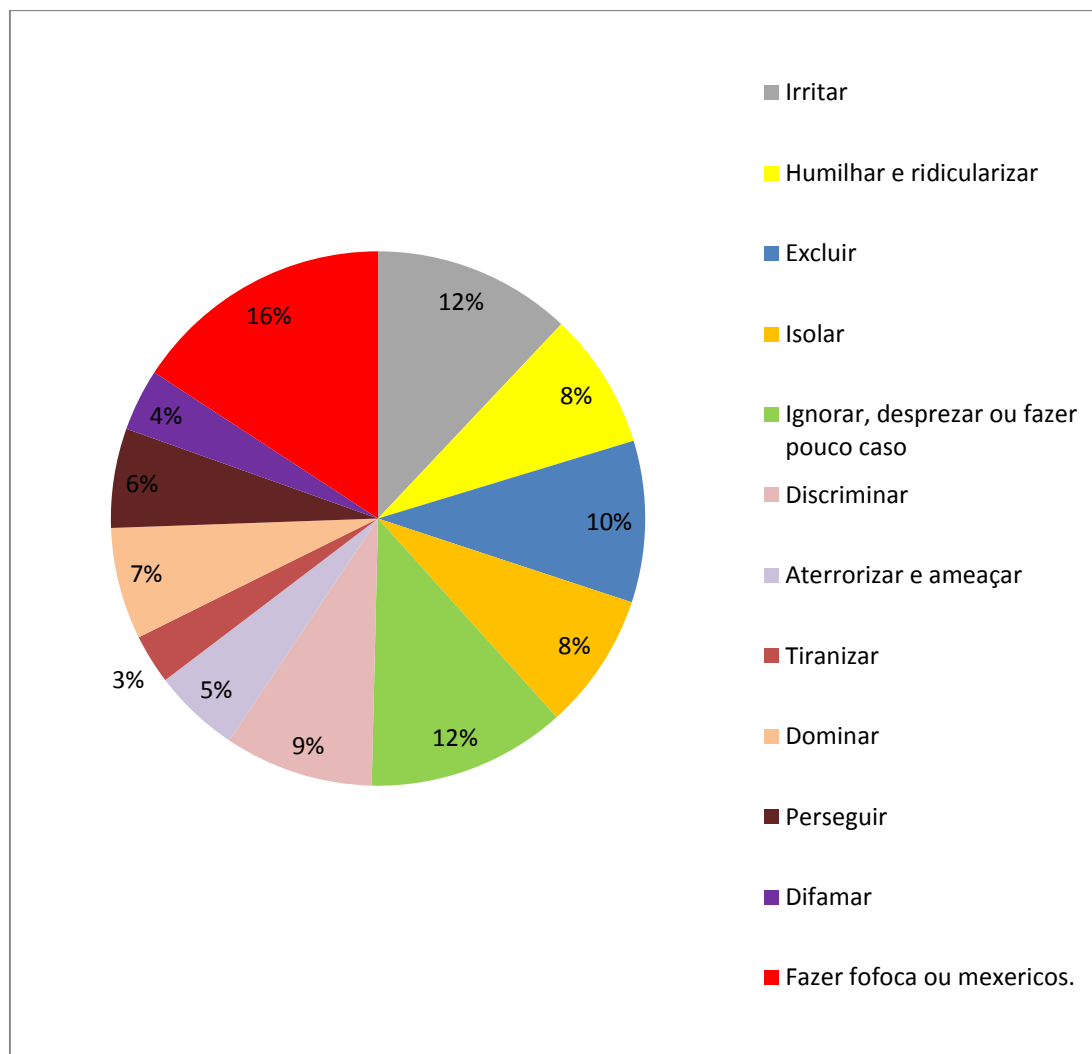


Gráfico 5 - Forma psicológico e moral de bullying

### Os professores frente ao bullying

Na segunda parte da pesquisa constituída pelas entrevistas, duas professoras, uma da educação infantil (A) e outra do ensino fundamental (B) foram entrevistadas. O intuito das entrevistas era oportunizar à ambas o relato das situações de bullying presenciadas, e principalmente conhecer como elas lidaram com as situações.

A respeito disto, a professora da educação infantil afirma não ter presenciado situações de bullying da forma *físico e material*, no entanto, nos relatou casos que se enquadram nas formas: *verbal, psicológico e moral*, como neste fragmento: *o que acontece muito entre as crianças é a questão de eles chamarem uma a outra de ah fulana é gorda, ah ela é feia, cê entendeu? [...] ah ele é bichinha, ah ele é mulherzinha,*

*nesse sentido, então desde pequeno com 4 anos eles já se identificam que são diferentes, o que é diferente deles.*

Já a professora do ensino fundamental, quando convidada a contar os casos de bullying presenciados, foi incisiva em sua resposta. A mesma afirmou ter se deparado com alguns episódios de bullying ao longo de seus oito anos de carreira docente. A professora explicou: *Na turma do 4º ano existia uma aluna que sofreu bullying porque uma outra aluna, que era colega dela da sala, começou a afastar todas as meninas dela. E ela falou pros pais dela. [...] No 5º ano a irmã dessa menina que estava fazendo bullying com a outra, sofria bullying na sala dela porque ela era cheia de complicações em relação à saúde [...] ela tomava muito remédio, ela tinha certa dificuldade de aprendizado, então os colegas não queriam fazer trabalho com ela. Então, eu presenciei várias vezes os alunos, quando eu fazia sorteio, não quererem fazer trabalho com ela, ou darem risadas de quem fazia trabalho com ela. [...] e realmente era uma turma que tinha muito essa questão com outros alunos também que tinham dificuldade de aprendizado, que não tinham tanta facilidade, que não eram tão rápidos pra aprender.*

As situações narradas acima também se encaixam na forma: *psicológico e moral*, e é interessante perceber que esse fenômeno ocorre também na educação infantil, como relatado pela professora A: *[...] então existe aquela fase que é complicada da não aceitação do outro.* Todavia, apesar de afirmar que é muito comum tais ocorrências, ponderou que é mais fácil de lidar: *mas a medida que vai e conversa com eles, eles começam a respeitar o outro. Então é mais tranquilo com as crianças e também porque a gente já faz um trabalho de inclusão onde vem crianças muito diferentes deles, e eles adotam realmente as crianças.*

Em contrapartida a professora B, destaca uma reação mais enérgica com relação ao bullying entre seus alunos. *A situação do 4º ano ela se resolveu de forma muito tranquila. Então assim, eu não acompanhei tanto ela não, porque ela se dava muito mais fora da sala de aula do que dentro né. Porque as meninas eram de turmas diferentes, então elas se encontravam na hora do intervalo. Na questão do 5º ano, eu tive uma reação de revolta mesmo né, e é claro que eu chamava a atenção da turma.*

Já no que se refere à orientação dada pela escola para lidar com o bullying, a professora de educação infantil ressalva que em todas as escolas que já trabalhou este é mais um trabalho compelido ao professor. Ela assegurou: *olha não era um trabalho da escola, era mais um trabalho individual de professor. De repente se aquilo lá me*

*incomodava, eu fazia um trabalho com eles. Se incomodava outra pessoa, mas não era um trabalho da escola pra realmente tá erradicando esse tipo de preconceito, esse tipo de bullying nas escolas. Nunca teve, em todas as escolas que eu trabalhei, inclusive aqui. Não existe ainda um trabalho forte nesse sentido, ainda são trabalhos individualizados de acordo com casos que acontecem e algumas intervenções que há. Mas ainda não é um trabalho sistemático da própria escola.*

Em convergência com o discurso acima, a professora do ensino fundamental também elucida o caráter individual da ação do professor no combate ao bullying. *Olha eu vou falar uma coisa pra você, nas escolas que eu trabalhei, que eu presenciei a questão do bullying, eu não vi nenhum trabalho orientando o professor a lidar com o bullying, nenhum. Todas as reuniões, em todas as palestras, eu não assisti nenhuma que fizesse referência ao bullying. Eu posso ter conversado em reunião pedagógica, eu posso ter tomado conhecimento com a diretora, com a coordenadora, com psicólogo, mas não houve essa questão de orientação não. Então é uma coisa que eu acredito que falte mesmo, bom pelo menos nas escolas que eu trabalhei eu não vi isso muito presente não, na verdade eu não vi. Essa é a verdade.*

### **Análise da pesquisa de campo**

A realização da pesquisa mostrou que de um grupo heterogêneo de 26 professores reconheceram o bullying em suas diversas formas, tornando possível saber que para os docentes participantes da pesquisa as formas de bullying mais recorrentes são a psicológico e moral (39%), a verbal (34%).

Os relatos da entrevista demonstram que na maioria das vezes, ou em quase todos os casos, o professor não recebe nenhuma orientação para lidar com o bullying. Além disso, fica evidente que os professores de modo geral, possuem um certo receio e até mesmo insegurança ao se depararem com uma situação de bullying.

As entrevistas das professoras convergiram em relação à dúvida sobre o que fazer nas situações de bullying presenciadas. Embora ambas tenham conversado com a turma, chamado à atenção, tentado amenizar a situação propondo a reflexão com os alunos, alegaram não existir um trabalho em conjunto com as escolas, e em ambos os casos o trabalho teve caráter individual, cabendo ao professor tomar alguma providência.

Para além disso, a professora da educação infantil contou que até já houve conversas e palestras sobre o bullying, porém em épocas que assunto foi destaque na

mídia. A mesma ainda asseverou não conhecer nenhum programa ou providência adotada pela secretaria municipal de educação de Cuiabá.

### **Algumas considerações**

Os apontamentos da pesquisa reforçam a gravidade do tema, ao tomar conhecimento de que o bullying já atinge crianças tão pequenas quanto as da educação infantil, fica óbvio que as instituições universidade e escola precisam dar mais atenção à essa realidade. Neste sentido, a formação de professores, que é um processo constante, necessita ser dinâmica para dar suporte às diversas situações que nos deparamos no cotidiano escolar.

Deste modo, acredito que universidade e escola podem fazer a sua parte. O curso de Pedagogia da UFMT, por exemplo, poderia criar espaços de discussão sobre o assunto, por meio de seminários e debates, ou até mesmo ofertando uma disciplina que trate sobre o bullying. Já a escola poderia desenvolver um trabalho conjunto, um projeto institucional que oriente seus professores a lidar com o bullying, bem como conscientize os alunos. É de extrema importância o despertar para esse problema presente nas escolas, procurando não só saber o que é bullying, mas buscando alternativas para solucioná-lo.

### **REFERÊNCIAS**

CÉZAR, Neura. **Bullying: preconceito, estigmas e desafios da educação para a paz**. Cuiabá. 2010.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Editora Gente, 2008.

HORNBLAS, David Sergio. **Bullying na escola: Como as crianças lidam e reagem diante de apelidos pejorativos**. São Paulo, 2009.

LOPES NETO, AA. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. J Pediatr (Rio J). 2005; 81(5Supl): S164-S172. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>> Acesso em: 02 Out. 2013.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **BULLYING: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.